

POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250



2ª ED.

ATEMPA



CPHIS

Coletivo das Professoras e
Professores de História da
Rede Municipal de Ensino
de Porto Alegre

POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250

ORGANIZADORES:

Marco Mello

Roselena Colombo

Claudia Aristimunha

Melina Perussatto

Inês Vicentini

Coletivo de Professoras e Professores de História
da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS)

Associação de Trabalhadores em Educação do
Município de Porto Alegre (ATEMPA)

2ª ed.
PORTO ALEGRE, RS
2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P739 PoAncestral: muito além de 250 / organização de Marco Mello, Roselena Colombo, Claudia Aristimunha ... [et al.] 2ª ed. - Porto Alegre: ATEMPA; CPHIS, 2023.
163 p. : il.

ISBN: 978-65-996311-3-9

1. Porto Alegre (RS). 2. Ancestralidade. 3. Memória social. 5. Comunidade quilombola. 6. Povos indígenas. 7. Ensino de história. I. Mello, Marco. II. Colombo, Roselena. III. Aristimunha, Claudia. IV. Perussatto, Melina. V. Vicentini, Inês. II. Título.

CDU – 981.651
930(816.51)

Elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Esta publicação é de acesso livre e é permitida sua reprodução, em parte ou no todo, sem alteração de conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais

NEGA LÚ: UM FRENESI NA MALDITA PORTO ALEGRE

Ana Carolina Gelmini de Faria

Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS).
Endereço eletrônico: carolina.gelmini@ufrgs.br

Marlise Giovanaz

Historiadora (UFRGS), mestre em História (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS). Endereço eletrônico: mgiovanaz@gmail.com

Em janeiro de 2021 foi divulgado, pela Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão do Rio Grande do Sul (PRDC/RS), órgão do Ministério Público Federal, o edital Eu Sou Respeito (figura 1). A ação foi um exercício de reparo feito à comunidade porto-alegrense, resultante dos R\$247 mil em recursos provenientes de multa paga pelo Santander Cultural em 2019 por não cumprir na íntegra o acordo extrajudicial assinado junto ao MPF-RS, referente ao encerramento da exposição *QueerMuseu* em 2017. Ele é o ponto de partida da experiência museal construída de forma colaborativa nas ruas de Porto Alegre, que foi intitulada *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre*.

Figura 1 - Edital Eu Sou Respeito



Fonte: Ministério Público Federal, 2021.

O edital dirigiu-se a proposições de promoção da igualdade de direitos, da tolerância e do respeito à diversidade. Quando ocorreu sua abertura o Curso de Museologia e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foram convidados pelo grupo *nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual* (figura 2) para propor o desenvolvimento de uma exposição que faria parte de um conjunto maior de atividades propostas pelo grupo no Projeto *30 Anos em Exposição: nosso Queermuseu é nas ruas* (figura 3). Desde o

primeiro momento os integrantes do *nuances* salientaram que tinham a intenção de homenagear uma personagem de grande relevância na cultura e no universo LGBTQIA+ da cidade de Porto Alegre, a Nega Lú, sob diferentes formas de intervenções artístico-culturais, a exemplo do grafite assinado pelo artista plástico SoulChambi (figura 3).

Figura 2 - Logo do *nuances* - Grupo pela Livre Expressão Sexual



Figura 3 - Logo *30 Anos em Exposição: nosso Queermuseu é nas ruas* e grafite da Nega Lú



A arte da logo é assinada por Vladimir Azeredo.
Fonte: *nuances*, 2021.

Para iniciar o processo curatorial da exposição foi preciso uma aproximação com a personagem, e rapidamente a equipe foi seduzida por sua trajetória, seja por sua história insólita, seu charme e/ou pelas memórias dos que conviveram com ela. Nega Lú (figura 4) nasceu no ano 1950 no bairro Menino Deus, na cidade de Porto Alegre, em uma família de negros e foi batizada Luiz Airton Bastos. Ainda quando frequentava a escola já se anunciava como a Nega Lú, enfrentando todas as formas de preconceito que certamente foram dirigidas a ela. Impôs sua presença nos mais diversos

ambientes culturais da cidade, transitou das salas de dança clássica aos bares menos prestigiosos da capital gaúcha (NUANCES, 1999, 2016; TEIXEIRA, 2015).

Figura 4 - Nega Lú



Fonte: Acervo nuances, s.d.

A oportunidade de trabalhar com uma personagem LGBTQIA+, a partir de uma perspectiva histórica relacionando aspectos étnicos, de classe ou de expressão sexual, coloca muitos desafios à pesquisa. Uma fonte com grande potencial para construir a visibilidade desses sujeitos são os acervos constituídos por si mesmos ou então por grupos ativistas que escolheram não silenciar pessoas e suas histórias. O *nuances* é um coletivo que tem feito muito barulho nestas três décadas de existência, e a exposição a ser realizada precisava representar mais um grito nesta longa trajetória.

A EXPOSIÇÃO

A exposição *Nega Lú: um frenesi na Maldita Porto Alegre* foi um exercício em defesa da construção de cidadania e promoção da igualdade social. Nega Lú foi uma celebridade popular da cidade de Porto Alegre, uma personagem marginal que foi ícone da transgressão em um Brasil marcado pela repressão da Ditadura Militar. Assim, o título reflete muitas das tessituras de Nega Lú com sua cidade: desde sua presença na Esquina Maldita a uma Porto Alegre que limitou seus passos, ainda que sua vida tenha sido marcada pela transgressão (figura 5).

Figura 5 - Logo da exposição *Nega Lú: um frenesi na Maldita Porto Alegre*



Arte assinada por Vladimir Azeredo.
Fonte: Curadoria, 2021.

Uma importante decisão expológica adotada foi elaborar o circuito expositivo não em um museu ou salas preparadas para essa finalidade. Ao investigar a história da Nega Lú identificou-se que sua vida se reflete em vários pontos da cidade. Porto Alegre a marcou e vice-versa. O *nuances* e a equipe de curadoria optaram, como uma conversa despreocupada com a Nega Lú, compartilhar suas memórias em diferentes lugares, com enfoques distintos. Sua homenagem seria na rua.

Essa foi uma decisão determinante para o processo criativo, pois os aspectos biográficos selecionados tiveram cruzamento com a escolha dos pontos expositivos. Sendo uma marca da personagem o estilo de vida boêmio, quatro núcleos expositivos foram planejados em bares localizados em regiões estratégicas da cidade - um convite para saborear e brindar nos bares as memórias da Nega Lú: o primeiro foi uma instalação na Lancheria do Parque, importante referência na cultura porto-alegrense por onde Nega Lú desfilou infinitas vezes; na mesma quadra montamos o segundo núcleo, na parede externa do Bar Ocidente, local que tem como marca ser receptivo a todos os públicos, e onde a comunidade LGBTQIA+ sempre foi acolhida; o terceiro núcleo temático foi no Bar Plano A, situado no bairro onde viveu Nega Lú; e, por fim, foi apresentada uma instalação na parede do Bar Venezianos, localizado no atual perímetro boêmio da cidade.

A escolha de realizar o projeto nas ruas foi uma experiência singular para todas as pessoas que interagiram com a exposição: para o *nuances* foi a afirmação de seu papel e responsabilidade social, celebrando os trinta anos de atuação nas ruas de Porto Alegre; para os proprietários de bares uma ressignificação de seus espaços, possibilitando inclusive pensá-los enquanto evidências históricas da cidade; para os transeuntes uma oportunidade

de ter contato com a cultura em suas rotinas corriqueiras - muitos que visitaram os núcleos não possuem o hábito de frequentar museus. Destaca-se, ainda, a importância da iniciativa para a equipe curatorial: na dimensão prática foi um desafio planejar núcleos ao ar livre, que não tivessem nenhum controle sobre possíveis avarias e intempéries, além de algumas edificações serem tombadas, não podendo fazer uso de materiais interventores nas paredes, por exemplo. Na dimensão social teve-se a chance de propor um exercício museal afetivo, com abordagem afirmativa em prol das muitas diversidades que a Nega Lú representa: orientação sexual, classe social, raça e etnia, religião, entre outros aspectos.

Tendo mapeados os desafios, o grupo da curadoria iniciou o processo criativo. O primeiro núcleo elaborado foi a Lancheria do Parque. Inaugurado em 1982, a "Lancheria" formava, com os bares Ocidente e Escaler, o triângulo das Bermudas do Baixo Bonfim - locais certos para bater ponto em uma noite animada em Porto Alegre. A Lancheria do Parque sempre foi local de encontro: é um somatório de vozes, gestos, pedidos. Nessa dinâmica aparentemente caótica há uma harmonia compartilhada pelos seus frequentadores, que têm em comum o desejo de experimentar a vida cultural da cidade. Quem frequentou a Lancheria do Parque era habituado a ver Nega Lú no local, começando ou terminando uma noite agitada. Embora as cadeiras fossem disputadas, o habitual era ficar em pé, formando rodas animadas que tinham por referência o toldo vermelho da entrada. A Lancheria do Parque faz parte da memória afetiva que os porto-alegrenses têm da cidade (figura 6):

Figura 6 - Núcleo expositivo Lancheria do Parque



Arte assinada por Vladimir Azeredo.
Fonte: Curadoria, 2021.

O bar Ocidente também não passou despercebido por Nega Lú por privilegiar a criatividade, a pluralidade e a livre expressão. Esse era mais que um simples entretenimento:

o Ocidente contribuiu para o deslocamento do movimento cultural da Esquina Maldita¹ para o Baixo Bom Fim no começo dos anos 1980, tornando-se um símbolo da vida noturna gaúcha. Seu casarão é emblemático. A diversidade, sua marca registrada. Como solução expográfica foram elaboradas homenagens aos diferentes bares que compuseram a vida boêmia porto-alegrense dos anos 1970 e 1980. Ao final do circuito foi realizada uma instalação da artista Sílvia Marcon com mosaico de azulejos, a partir do desenho do integrante do *nuances* Luís Gustavo Weiler, que ficará na parede do Ocidente como marca da realização do projeto do coletivo (figura 7).

Figura 7 - Núcleo expositivo Ocidente
Arte assinada por Vladimir Azeredo.



Fonte: Curadoria, 2021.

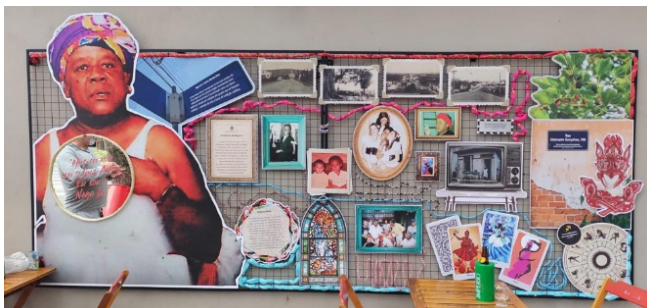
O terceiro núcleo foi pensado no bairro Menino Deus. É caracterizado como um bairro residencial, marcado por tradições dos grupos que ali fixaram residência - a exemplo dos ritos e festas de tradição católica. A cidade começa no lugar onde moramos, relação que gera conexões profundas entre o território e seus moradores. Nega Lú integrava uma das famílias do núcleo negro do Menino Deus: os Bastos chegaram no bairro no começo do século XX. Difícil pensar nela e não lembrar do bairro. A equipe curatorial em suas pesquisas identificou que a vivência que teve com familiares, a comunidade do Colégio Infante Dom Henrique e vizinhança nessas ruas constituiu sua personalidade.

O bar Plano A, espaço que recebeu o terceiro núcleo expositivo, cedeu duas paredes externas para o processo criativo. Em um lado decidiu-se por apresentar as suas origens familiares e religiosas (figura 8). O convívio familiar da Nega Lú despertou seu interesse espiritual. Filha de Xangô e Iansã, cumpriu todos os rituais de iniciação para se tornar um pai de santo. Das tradições que a influenciaram,

¹ Nos anos 1970, a esquina da Av. Osvaldo Aranha com a Sarmiento Leite concentrava a força da contracultura da cidade. Os bares Alaska e Copa 70 se destacavam neste cenário de tensão e criação, em plena ditadura civil-militar. A Nega Lú era frequentadora assídua do Copa 70, reduto de artistas e de músicos, que circulavam provocando os frequentadores da Esquina Maldita, por vezes ainda vestindo os figurinos das peças e dos shows que participavam.

sejam familiares ou da comunidade do bairro, passou a conciliar as atividades de batuqueiro com as crenças cristãs. Em uma entrevista afirmou: “Minha religião é a católica [...], mas o batuque está na veia”. (NUANCES, 1999, p.3).

Figura 8 - Núcleo expositivo Plano A - família e religiosidade



Arte assinada por Vladimir Azeredo.
Fonte: Curadoria, 2021.

Ainda explorando o bairro, identificou-se que as experiências que Nega Lú vivenciou no Menino Deus pulsavam em sua personalidade, ao ritmo de uma marchinha de carnaval na rua Saldanha Marinho. Bairro de origem do bloco carnavalesco Banda da Saldanha, criado em 1979, Nega Lú logo se tornou uma de suas assíduas foliãs, o que a levou à nomeação de Rainha da Banda da Saldanha. Quem presenciou Nega Lú na Banda da Saldanha como madrinha e porta-estandarte, menciona esse tempo como memorável e as emoções despertadas são de alegria, igualdade, orgulho, simpatia e, inevitavelmente, nostalgia. A Banda da Saldanha marcou a trajetória da Nega Lú, pois se tornou uma forma afetiva de expressar seu vínculo com Porto Alegre, especialmente por heranças culturais familiares enraizadas no bairro Menino Deus (figura 9).

Figura 9 - Núcleo expositivo Plano A - carnaval



Arte assinada por Vladimir Azeredo.
Fonte: Curadoria, 2021.

O último núcleo expositivo foi inaugurado no bar Venê. Nega Lú não chegou a frequentar o Venezianos Pub Café, aberto no ano de 2000, mas, de alguma forma, toda a trajetória histórica de resistência que havia sido antes manifestada na Esquina Maldita e Baixo Bom Fim serviu para abrir um caminho

de diversidade e tolerância que chegou até a Cidade Baixa.

A Travessa dos Venezianos também evoca o mundo das artes, no qual Nega Lú transitava com a desenvoltura de uma musa polifônica. Como se não bastasse brilhar no balé clássico, sua voz potente permitiu sua atuação em diferentes gêneros musicais, foi de solista dos corais da UFRGS e da OSPA à desbocada vocalista da banda de blues Rabo de Galo. Coube, a esse núcleo, apresentar a Nega Lú artista, que reuniu várias referências do projeto do *nuances* à personagem, tais como o grafite e o mosaico localizados em outras partes da cidade (figura 10).

Figura 10 - Núcleo expositivo Venê



Arte assinada por Vladimir Azeredo.
Fonte: Curadoria, 2021.

A exposição *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre* teve impacto entre as comunidades de bairro e transeuntes, pois convidou público a perceber detalhes de um circuito de rua muitas vezes despercebido. Os núcleos expositivos foram inaugurados mensalmente (Lancheria do Parque e bar Ocidente em setembro, bar Plano A em outubro e bar Venezianos em novembro de 2021) e, aos poucos, foi desmontada. Essa é a dinâmica das ruas: o ir e vir, o surgir e desaparecer, a presença e ausência. O que ficam são as relações: muitas pessoas que visitaram os núcleos comentaram algum episódio com a Nega Lú. A exposição estimulou a valorização das pessoas que se tornam, em um jogo simbólico com a cidade, os principais patrimônios de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

NUANCES. Nêga Lú: a bichice sem segredos. **Jornal do Nuances**, ano 2, n.9, 1999. p.3.

NUANCES. **Nega Lu**. Direção de Ana Mendes e Natália Bandeira, Porto Alegre, 2016. 1 vídeo (15min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQMOL8gPHwg>. Acesso em nov. de 2021.

TEIXEIRA, Paulo César. **Nega Lu: uma dama de barba malfeita**. Porto Alegre: Libretos, 2015.